

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1974
3 e 11 de abril de 2024

CHINATOWN / 1974

(*Chinatown*)

um filme de Roman Polanski

Realização: Roman Polanski / **Argumento:** Robert Towne / **Fotografia:** John A. Alonso / **Direção Artística:** W. Stewart Campbell / **Música:** Jerry Goldsmith / **Montagem:** Sam O' Steen / **Intérpretes:** Jack Nicholson (J.J. Gittes), Faye Dunaway (Evelyn Mulwray), John Huston (Noah Cross), Perry Lopez (Escobar), John Hillerman (Yelburton), Darrell Zwerling (Hollis Mulwray), Diane Ladd (Ida Sessions), Roy Jenson (Mulvihill), Roman Polanski (o homem da faca), Dick Bakalan (Loach), Joe Mantell (Walsh), Bruce Glover (Dufly), Nandu Hinds (Sophie), James O' Reare (o advogado), Burt Young (Curly).

Produção: Long Road Productions/Paramount / **Produtor:** Robert Evans / **Cópia:** dcp, colorido, legendado eletronicamente em português, 130 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, em 20 de Junho de 1974 / **Estreia em Portugal:** Caleidoscópio e Apolo 70, em 20 de Dezembro de 1974.

Chinatown é uma das obras mais importantes da década de 70. Feito em 1974 **Chinatown** aparecia como um outro tipo de "comentário" a um género: o filme "negro". **Chinatown** "retomava" o cinema "negro" onde outro clássico o deixara em 1958: **Party Girl**, já na forma de "pastiche" explorando uma cuidada reconstituição de época. Esta e a fotografia são elementos fundamentais em ambos os filmes.

Chinatown tem sobre os seus antecedentes a vantagem de poder falar sem empecilhos censórios. É certo que por vezes não há melhor do que uma elipse para fazer "passar" um outro sentido numa cena. Mas por outras a exposição sem entraves das questões que se subentendem com a elipse, torna-se, se não necessária, pelo menos de maior peso dramático. No filme de Polanski a referência aberta ao incesto é mais importante do que qualquer subentendido, porque é aqui que está a chave da questão, a origem de todos os dramas a que assistimos ao longo do filme. A corrupção política não é mais do que pano de fundo, assim como a manifestação brutal do poder, de tão banais que são de tão frequentemente os encontrarmos. Num excelente texto publicado em *The Film and Literature Quarterly*, R. Barton Palmer explica como **Chinatown** é uma versão em filme "negro" do **Édipo Rei** de Sófocles, com Gittes transformado num Édipo que investiga a causa da origem dos males que caem sobre Los Angeles (a seca). A descoberta da verdade é a descoberta "da futilidade do conhecimento que os olhos ou a razão podem dar". Simbolicamente Gittes termina "cego" no mundo de onde se afastara (Chinatown) sem entender o que se passa à sua

volta e com Evelyn morta por uma bala que lhe atravessa o olho, o mesmo em que Gittes notara a estranha “falha” na íris, que ela refere como uma marca de família.

No argumento original de Robert Towne o filme terminava de forma diferente. Evelyn matava o pai, Noah Cross, e enquanto o sinistro “patriarca” morria as chuvas chegavam a Los Angeles. O fim da “praga” era também uma referência edipiana. A mudança do final foi da responsabilidade de Polanski. O argumentista Robert Towne quando o apresentou ao produtor Robert Evans contava ser ele mesmo a dirigi-lo. Mas Evans queria Polanski que se encontrava em Itália a filmar **What?** e que não voltara a Los Angeles deste a tragédia que vitimara a sua mulher Sharon Stone em 1969 (esta seria também a última vez que Polanski trabalharia nos EUA, obrigado a refugiar-se na Europa devido à acusação de abuso de menores pendente na Califórnia). O olhar de Polanski era mais pessimista do que o de Towne, e assim decidiu mudar o final para aquele que conhecemos e que nos mostra a vacuidade da luta contra o poder, luta essa onde as principais vítimas são os inocentes (a “morte” absurda de Evelyn em **Chinatown** era assim como que uma referência à morte absurda de Sharon em Los Angeles).

Em termos de atmosfera **Chinatown** é quase uma “réplica” da dos filmes “negros” clássicos. Não lhe falta inclusive a dupla de sicários que agride Gittes, tendo um deles (interpretado por Polanski) as características sádicas de um Neville Brand (**DOA**), de um Bob Steele (**The Big Sleep**), quando corta o nariz de Gittes, e os dois juntos a ambiguidade sexual da dupla Lee Van Cleef/Earl Holliman em **The Big Combo**. Atmosfera que passa pela figura do detective e da sua “entourage”. O escritório e empregados, e as relações entre eles, quase parecem decalcadas de um **The Maltese Falcon**. Aliás a escolha do realizador deste filme, John Huston para a figura do velho patriarca Noah (ele que fora outro Noé em **The Bible**) parece incluir-se também dentro dessa evocação, assim como toda uma série de figuras secundárias, de um Perry Lopez (Escobar) às silhuetas que povoam as salas e no fim as ruas de Chinatown.

Manuel Cintra Ferreira